

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**UNIDADE ACADÊMICA DE HISTORIA E GEOGRAFIA**

**CORONELISMO NO CARIRI DA PARAÍBA:  
“O CASO DA FAZENDA FEIJÃO EM SUMÉ”**

**Rubens Barbosa Carneiro**

Campina Grande - Dezembro de 2004.

RUBENS BARBOSA CARNEIRO

CORONELISMO NO CARIRI DA PARAÍBA:  
“O CASO DA FAZENDA FEIJÃO EM SUMÉ”

Monografia apresentada ao curso de  
Graduação de história da UFCG para  
a conclusão do curso

Fábio Gugtemberg R.B. Sousa

Orientador

Campina Grande, Dezembro de 2004

Monografia apresentada

Em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Prof. Fábio Gutemberg R. B. Sousa

Orientador

---

Prof. Herry Charriery da Costa Santos

2º Membro

---

Profa. Rosilene Dias Montenegro

3º Membro

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me abençoar a cada dia.

Aos meus pais (in memoriam), que souberam passar os ensinamentos de vida para que eu pudesse perseverar diante dos obstáculos.

Aos meus irmãos: Sandra, Francisca, Jurandy, Netinha e Íris, pelo companheirismo e união da família, que foi mantida mesmo com o desaparecimento de nossos pais.

A minha mulher, Aurizânia, que sempre me incentivou em todos os momentos e pela compreensão de às vezes ter que ausentar-se do âmbito familiar para me dedicar a esse trabalho. Aos meus filhos, Rubens Júnior e Gabriela, pelo sentido que deram a minha vida, me encorajando a lançar-me nessa empreitada, objetivando, no futuro, dar-lhes melhores condições de vida.

Aos meus sobrinhos, parentes e amigos que de uma certa maneira colaboraram para que esse dia chegasse.

Aos professores e funcionários do Curso de História.

Aos meus colegas de curso, em especial: Luis Carlos, Jobson e John Welligton.

Peço desculpas se por um lapso de memória, esqueci algum nome, mas no geral, quero agradecer e dividir com todos esse momento ímpar de felicidade na minha vida.

Dedico esse trabalho aos meus pais (in Memoriam), Juvenal Vieira Carneiro e Maria do Socorro Barbosa Carneiro, ofereço a vocês em qualquer lugar que estejam o meu muito obrigado.

“Não é o desafio com que nos deparamos que determina quem somos e o que estamos nos tornando, mas a maneira com que respondemos ao desafio”.

(Henfil)

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>I CAPÍTULO: Fazenda Feijão: um Símbolo de poder no tempo dos coronéis</b>	
1.1 História do Coronel Sizenando Raphael, de Deus, trajetória de um coronel no Cariri paraibano.....	10
1.2 Da formação à prosperidade.....	15
1.3 Cartografias da fazenda: estratégia de poder e dominação ...	17
1.4 Da utilização dos mecanismos de poder.....	20
1.5 A morte do proprietário .....	23
<b>II CAPÍTULO: Imagens e construções da figura do Coronel Sizenando Raphael</b>	
2.1 Metodologia da pesquisa .....	25
2.2 A imagem do Coronel Sizenando Raphael, segundo seus moradores.....	27
2.3 Um homem de prestígio.....	29
2.4 Um homem de visão empreendedora.....	33
<b>III CAPÍTULO: O Feijão transformou-se em mandacaru</b>	
3.1 Uma trajetória de decadência: da morte do coronel à questão dos herdeiros .....	36
3.2 A propriedade privada contestada .....	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	45
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

Quando estava para delimitar o tema da monografia, senti-me muito inseguro no que deveria escolher, pois se tratava de um trabalho de conclusão de curso, teria que ser uma temática que me desse prazer e que reunisse um amplo material de pesquisa para que assim pudesse realizar um bom trabalho, sobretudo, teria que me dedicar à pesquisa. Então, cheguei a uma conclusão, comecei a analisar o que tinha a explorar na minha cidade para que pudesse me dedicar com mais afinco, até pela questão do tempo. Dentro dos assuntos e textos estudados na minha trajetória acadêmica os que mais me empolgaram estavam ligados à sociologia rural, área do conhecimento com a qual me identifico.

A área ou temática geral do trabalho já estava decidida, restava agora escolher um orientador que pudesse me indicar o material bibliográfico, as fontes mais adequadas e me passasse algumas dicas sobre a pesquisa. Por possuir qualificação e experiência nessa área de estudo, escolhi o professor Fábio Gutemberg, não só pelo fato de ser conterrâneo, o que de uma certa forma facilitaria a pesquisa, já que o mesmo trabalhou em sua dissertação de mestrado na área de sociologia rural.

Com isso, mostrei o tema escolhido ao professor Fábio Gutemberg, que me incentivou e começou a me passar orientações para obtenção do material de trabalho, como uma bibliografia, gravador, fotos, etc. Como já conhecia a Fazenda Feijão e algumas histórias sobre o Coronel Sizenando Raphael, pensei comigo, está aí um bom tema a ser explorado, pois o mesmo trata de um personagem histórico, comum no Nordeste brasileiro na primeira metade do



século XX e que retratava o mundo dos coronéis em suas relações com moradores e a sua influência política, como também poderia trabalhar com um método que sempre quis, a história oral.

Dentro desse panorama me debrucei sobre esse trabalho, enfrentando situações adversas como a falta de tempo, dividido entre as turmas que ensino em meu município<sup>1</sup> e as disciplinas da universidade, as quais teria que dar atenção.

Apesar das adversidades conclui o trabalho que ficou estruturado em três capítulos. No primeiro faço uma contextualização do período histórico do coronelismo no início do século XX, relato um pouco da trajetória do coronel Sizenando Raphael e analiso a estrutura organizacional e espacial da fazenda Feijão como forma de compreender a espacialização do poder.

No segundo capítulo exploro as entrevistas de antigos moradores da Fazenda Feijão buscando compreender as imagens construídas em torno da figura do coronel Sizenando Raphael.

No terceiro e último capítulo discuto, de uma forma geral, alguns motivos que levaram a transformação da Fazenda Feijão, uma fazenda modelo, em um assentamento do Movimento Sem Terra (MST), fenômeno que ocorreu também com outras propriedades da região. Os fatores que levaram a decadência dessas propriedades serão discutidos no decorrer do trabalho.

---

<sup>1</sup> Leciono Geografia e História no Instituto Educacional Imaculada Conceição (IEIC) em Sumé-PB.

## CAPÍTULO 1: FAZENDA FEIJÃO: UM SÍMBOLO DE PODER NO TEMPO DOS CORONÉIS

### 1.1. Sizenando Raphael de Deus, trajetória de um coronel no Cariri paraibano

Nesse capítulo resgato um pouco da trajetória de um dos personagens mais marcante na história dos brasileiros no século XX, o coronel, figura de prestígio político e social que se tornou uma espécie de centro nas relações entre o público e o privado, atuando com poderes policiais e administrativos em seu município (LEAL, Victor Nunes, 1986:20).

A patente de coronel teria sido criada em 1831 para defender a nação e manter a sua integridade territorial. Chamava-se coronel da Guarda-Nacional o sujeito de posses, principalmente de terras, que tivesse algum poder de liderança sobre moradores e habitantes de sua região. Essa prática política perdurou no Brasil até o ano de 1930<sup>2</sup> e ainda pode ser notada, embora com outra roupagem, no Nordeste brasileiro em casos esporádicos, principalmente em pequenas cidades ou vilarejos onde lideranças políticas familiares se revezam no poder demonstrando seu prestígio político, seja pela força do dinheiro ou por perseguições políticas. Geralmente são fazendeiros, médicos ou advogados com ascendência sobre uma determinada população e com poder político; guardadas as devidas proporções, esses novos coronéis ainda estão presentes no cenário político brasileiro, especialmente o interior.

No princípio do século XX a Paraíba atravessara momentos de efervescência tanto no campo político como na economia. No campo político o acirramento entre as oligarquias Machado-Leal e Neiva-Pessoa (LEWIN,

---

<sup>2</sup> O apogeu das oligarquias e da “república dos Coronéis” se deu durante o período da República Velha, período da história brasileira que se encerrou como movimento conhecido por “Revolução de 30”. (GURJÃO, Eliete Queiroz, 1999:84)

Linda,1993:15); no campo econômico a cultura do algodão favoreceu o surgimento de uma nova classe, os "lordes do algodão"<sup>3</sup> e o fortalecimento do poder dos coronéis, principalmente no interior paraibano. Por sinal, a Paraíba tornou-se nessa época um dos maiores produtores de algodão do país, especialmente por causa da crise de abastecimento que o mundo vinha atravessando por motivos de pragas na lavoura ou por falta de condições agronaturais; o algodão paraibano destacou-se pela qualidade de suas fibras longas e passou a ser disputado no mercado internacional. Surgiram, então, pólos comerciais, tendo Campina Grande se destacado como um dos principais pólos de exportação do produto.

Esse panorama propiciou a articulação política que vislumbrava na cultura do algodão a saída para o desenvolvimento econômico, para isso era necessário criar infra-estrutura para escoamento do produto com a construção de rodovias, ferrovias e estradas vicinais que interligassem as propriedades produtoras espalhadas pelo interior do estado aos pólos comerciais de Campina grande, João Pessoa e Recife. Dentro desse contexto surgiram grandes fazendeiros que acumularam muita riqueza e prestígio político e social.

Na região do Cariri ocidental<sup>4</sup> se destacaram figuras como Major Saturnino Bezerra dos Santos da fazenda Riachão, doutor Domingos da Costa Ramos da Fazenda Sant'ana e o Coronel Sizenando Raphael de Deus, da fazenda Feijão; todos eles grandes proprietários que tinham em suas fazendas maquinários de beneficiamento do algodão e energia elétrica. O foco central da nossa preocupação vai ser o Coronel Sizenando Raphael da fazenda Feijão,

---

<sup>3</sup> Pessoas que acumularam verdadeiras fortunas com a cultura do algodão e grande influência política (LEWIN, Linda, 1993:98).

<sup>4</sup> Sobre a divisão do Cariri paraibano em Cariri ocidental e oriental, ver RODRIGUEZ, Janete Lins (coordenação). *Atlas escolar paraibano*. João Pessoa: Grafset, 1997:11.

exemplo de grande proprietário e coronel que atuou na política paraibana do começo do século XX, muito embora não tenha sido o algodão o que o levou ao enriquecimento, e sim, a pecuária com a criação de gado bovino, o que lhe garantiu a conquista de riquezas e respeito no meio dos grandes fazendeiros da época.

A fazenda Feijão<sup>5</sup> está situada no Cariri paraibano, mais precisamente na região dos cariris Velhos a 14 quilômetros de Sumé e 271 quilômetros da capital da Paraíba, João Pessoa. Ela está situada em uma região ensolarada, tendo como característica marcante os longos períodos de estiagem, o que inviabiliza ou dificulta muito as atividades agrícolas, embora muitas vezes a persistência do sertanejo e sua esperança em um ano chuvoso supere algumas das dificuldades climáticas, pois nosso solo é fértil e quando aliado aos recursos climáticos favoráveis e uma política agrícola empreendedora ajuda a garantir a sobrevivência dos habitantes da região.

No Nordeste a presença de fazendas modelos, como a Fazenda Feijão, que tudo produzia, geralmente estava associada a recursos oriundos da política clientelista ou da concentração fundiária por parte das oligarquias da região, que desde as sesmarias formaram núcleos de poder representados por grandes fazendas. O coronel, geralmente dono desse patrimônio, protegia seus trabalhadores dando-lhe terra para trabalhar e sendo seu representante junto às autoridades (VELASCO, Domingos, 1935:127), mantendo com os seus

---

<sup>5</sup> A fazenda Feijão pertenceu ao município de Monteiro até o ano de 1951, quando o distrito de São Tomé se emancipou de Monteiro, tendo a fazenda ficado em terras pertencentes a este último.

agregados uma relação paternalista<sup>6</sup>, ou seja, quanto maior seu domínio, maior seu prestígio político e representatividade.

O Coronel Sizenando Raphael foi um homem de grande notoriedade, pela sua história de luta e obstinação de vencer na vida e, principalmente, pelo seu caráter empreendedor. Ainda hoje se encontra no interior da Capela São Sebastião, na Fazenda Feijão, pinturas e escritos contando, de forma idealizada, sua trajetória:

Ao fundador desta Fazenda:

Assim, desafiando perigos e desconforto, tendo por casa um velho umbuzeiro protegido por couros de bois e cerca de varas (isso no ano de 1880), Coronel Sizenando Raphael de Deus começou possuindo apenas meia dúzia de cabras, seus dezoito anos e a vontade de se tornar o maior fazendeiro da região, para isso, sua iniciativa principal foi construir açudes em toda propriedade dispondo só dos meios produtivos: carros de bois e jumentos, daí o seu progresso na agricultura e criação como se vê. Aqui plantou os seus infatigáveis oitenta anos, até 1943. Em 1956 foi vendida ao doutor Paulo P. Guerra que com visão e trabalho soube elevar o seu crédito, modernizando seus rebanhos, até 1979. (O dono e organizador atual é o conterrâneo José Lucas da Silva<sup>7</sup>).

Como se pode notar nesse escrito, o Coronel Sizenando Raphael tinha uma imensa vontade de se tornar rico e poderoso, para isso precisava conquistar terras e respeito. Aos 18 anos de idade embrenhou-se na mata, juntamente com seu primeiro vaqueiro conhecido por "seu Lourenço" (que acompanhou toda a trajetória do coronel Sizenando Raphael), e se dedicou com afinco a desbravar aquela mata e constituir ali a sede da fazenda que seria ponto de partida para a multiplicação de propriedades e admiração. Assim

---

<sup>6</sup> Essa era uma relação literalmente de submissão e subjugação no sistema agrícola nordestino de 1870, (Linda Lewin, 1993:63).

<sup>7</sup> Esse foi o terceiro e último proprietário da Fazenda Feijão, causou um grande mal-estar na família do Coronel Sizenando Raphael por ter mandado derrubar a casa-grande e construído outra no local.

começa a história da fazenda Feijão, que já despontava no início do século XX como uma das melhores estruturas entre as fazendas da região, constituindo assim uma relação umbilical entre proprietário e propriedade numa interdependência que só iria terminar em 1943 com a morte do coronel.

Daí em diante a propriedade entrou em decadência. Histórias como essa se tornaram comuns pelo interior do Nordeste, ou seja, propriedades que antes eram modelo de produtividade e representação de poder, com o afastamento do seu proprietário, são abandonadas ou desestruturadas por herdeiros, resultando na sua decadência.

Os fatores que levaram a essa decadência serão discutidos no decorrer do trabalho, no entanto, para nós, existe uma correlação muito próxima entre proprietário e propriedade, como é atestado nos versos do renomado repentista Pinto de Monteiro:

Assim que morreu o dono  
Dessa grande fortaleza  
Quem tomou conta do trono  
Acabou com a riqueza  
Naquela propriedade  
Resta somente saudade  
Recordação e tristeza".  
(Severino Pinto)<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Conhecido por Pinto de Monteiro, um dos maiores repentistas do Nordeste que também foi vaqueiro do Coronel Sizenando Raphael.

## 1.2. Da formação à prosperidade

A sugestão ou idéia posta ao final do item anterior procura defender a importância e o valor do proprietário que consegue prosperar e que raramente consegue passar para as gerações que o sucedem o ritmo de progresso adquirido no seu tempo. A fazenda Feijão e o coronel Sizenando Raphael são um belo exemplo dessa relação.

A partir dessa sugestão, passaremos a relatar um pouco dessa história, da formação até a decadência da fazenda Feijão, que, como já foi dito, foi considerada modelo numa região marcadamente seca e em que se convive com longos períodos de estiagem. Na sua administração, o coronel Sizenando Raphael impôs um clima de respeito e trabalho construtivo, transformando sua propriedade em um verdadeiro império, pelo menos enquanto vivo, história semelhante a do Coronel Jaca Praíba da fazenda Pitombeira no estado do Ceará (Antonio Barroso Pontes, 1970:99). Esse fazendeiro cearense era conhecido pelo seu poder e prestígio político e econômico e por sua coragem, já que ficou conhecido por ganhar vários duelos armados, com isso conquistou o respeito de todos na região e sua propriedade prosperou até sua morte, passando a ser admirado na região, pela imensidão do seu patrimônio e, sobretudo, pela forma de administrar a propriedade e seus trabalhadores, sendo um misto de pai e padrinho.

Essa relação, capaz de influenciar a vida das pessoas que o cercavam, era marcada pela arrogância, não admitia contestação e sempre lançava mão de formas impositivas para transmitir suas ordens, o que geralmente era encarado por seus trabalhadores como um ato de benevolência e respeito.

Essa relação será mais detalhadamente analisada no próximo capítulo a partir de alguns depoimentos de antigos moradores e conhecidos do coronel Sizenando Raphael.

Coronel Sizenando Raphael de Deus, esse era seu nome completo; nasceu no ano de 1863, deveria ter por volta de quatorze anos quando o nordeste brasileiro enfrentou uma das piores secas da história, a famigerada seca de 1877, onde até a prática da antropofagia tornou-se comum no sertão nordestino. Talvez por essa razão ele tinha obsessão por construir açudes e barragens por toda a sua propriedade, ao todo chegou a construir vinte e cinco açudes, esses feitos de forma rudimentar, utilizando a força braçal e animal, todos dispostos de forma estratégica pela propriedade para que a fazenda não viesse a sofrer com uma estiagem mais longa. Essas precauções do coronel para não interromper o desenvolvimento das atividades da fazenda, muitas vezes lhes rendia admiração e respeito das pessoas. Podemos notar isso na construção dos versos de um poeta sumeense, escritos cerca de sessenta anos após a sua morte:

Tinha na fazenda feijão  
do Coronel Sizenando  
Quinhentas almas trabalhando  
Mais cinqüenta de prontidão  
Cada um de arma no peito  
Que impunha até o respeito  
Do tenebroso lampião

Tinha moinho, vapor  
Automóvel, caminhão,  
Sistema de irrigação  
Que admirava doutor  
E quando até em monteiro  
A luz era o candeeiro  
Lá já se tinha motor



Raiava o século passado  
E sua fazenda exhibia  
Engenhos que ele fazia  
Como o leite canalizado  
Um homem à frente do seu tempo  
Que vivia do pensamento  
Com seu caráter reservado  
(Sonielson Juvino, 2004).

### 1.3. Cartografias da fazenda: estratégia de poder e dominação

Outra forma que os coronéis tinham de demonstrar seu poder era a forma como organizavam as casas e moradias das fazendas, ou seja, a casa grande estava disposta quase sempre no centro e em um local alto para que pudesse ter todos à vista e sob controle.

No caso da fazenda Feijão, o coronel Sizenando Raphael dispôs de maneira estratégica a casa-grande, que era um símbolo do seu poder, onde do alpendre o coronel observava tudo, "pois o movimento da fazenda fluía para um grande pátio formado por um quadrado de casarões coloniais rústicos destinados aos vaqueiros e moradores" (NUNES FILHO, Pedro, 1997:65-66). A casa era enorme, tinha nove dormitórios no primeiro andar, que antes se chamava de sótão, o piso e as vigas eram todas de cedro; ao lado da casa o coronel mandou construir uma capela, pois era devoto de São Sebastião e dentro da igreja pinturas do mestre Miguel Guilherme ilustravam o martírio do Santo.

Na igreja eram celebradas todos os domingos as missas e diariamente ofícios sagrados pelo Bispo D. Joaquim, que veio morar na fazenda a convite do próprio coronel, pois estava aposentado de suas funções no Rio Grande do

Norte e por sofrer problemas de saúde mudou-se para a fazenda Feijão porque o clima do local era favorável para tratamento de doenças respiratórias.

Vinha gente de toda região para assistir à missa e todos os anos no mês de janeiro era comemorado o novenário em homenagem a São Sebastião, padroeiro da fazenda; eram nove dias de muita festa e comilança, tudo às expensas do rico fazendeiro que tinha um espírito muito religioso, ele chegou a “comprar uma imagem de Nossa Senhora das Dores vinda de Portugal, por 900 mil réis, e doou para Matriz Paroquial de Alagoa de Monteiro” (JORGE, Pe João, 2002:32).

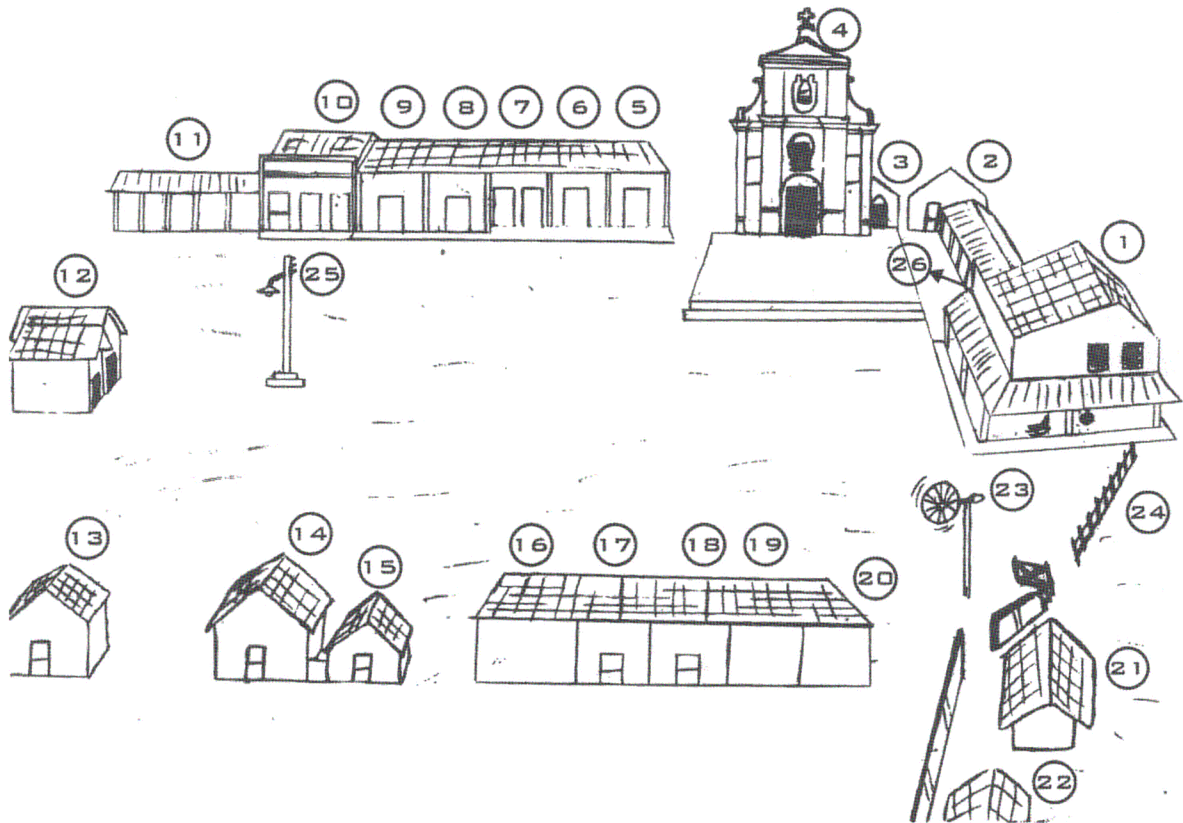
A devoção religiosa do coronel sempre foi notória, o mesmo mandou construir um túmulo dentro da capela encontram-se hoje seus restos mortais, juntamente com os da sua mulher, Dona Maria Leite Raphael.

Isso era uma característica de muitos coronéis que de uma certa forma utilizavam o papel da igreja para legitimar seu poder atribuindo seu sucesso econômico a proteção de santos.

No mesmo conjunto arquitetônico um conjunto de galpões, armazéns e casebres, do lado direito e esquerdo da casa grande, facilitava a visão do fazendeiro que mantinha o controle de quase tudo, sentado numa preguiçosa no alpendre, de onde, através do pátio passava uma estrada por onde fluía o movimento de viajantes trazendo notícias de outros lugares, como também o coronel oferecia guarida para esses transeuntes, que geralmente eram parados pelo coronel que fazia questão de demonstrar sua hospitalidade, abrigar e dar comida a quem necessitasse.

Vejamos o que diz o cordel e em seguida uma maquete da estrutura da fazenda Feijão:

Agulha, linha e dedal  
renda, cordão, bico e fita  
panela, pote, aguidal  
bule, chaleira, marmita  
torno em diversas paredes  
tinha cento e tantas redes  
para agasalhar as visitas".  
(Severino Pinto)



Fonte: Desenho elaborado Vânderson V. Carneiro a partir de Informações de Dona Ritinha Leite.

- |                              |                                      |
|------------------------------|--------------------------------------|
| 1 Casa Grande                | 15 Casa do dono da bodega            |
| 2 Casa da Professora         | 16 Garagem                           |
| 3 Casa dos Santos            | 17 Casa do motorista                 |
| 4 Capela São Sebastião       | 18 Casa do soldado                   |
| 5 Armazém                    | 19 Casa do beneficiamento de algodão |
| 6 Açougue                    | 20 Casa do gerador                   |
| 7 Bodega                     | 21 Casa da farinha                   |
| 8 Casa dos arreios           | 22 Casa do engenho                   |
| 9 Casa de refeição           | 23 Cata-vento                        |
| 10 Armazém de silagem        | 24 Curral                            |
| 11 Galpão para carros-de-boi | 25 Luz elétrica                      |
| 12 Casa de moradores         | 26 Quarto do bispo                   |
| 13 Casa do electricista      |                                      |
| 14 Morador                   |                                      |

A propriedade tinha um aspecto de uma pequena cidade e tudo girava em torno do dono que mandava e desmandava criando suas próprias leis, como uma mistura de paternalismo com poderes totalitários, o que ficava explícito durante as refeições, como mostra *Menino de Engenho*: “Eram oficiais carpinas e pedreiros, que também se serviam com o senhor de engenho, nessa boa e humana camaradagem do repasto” (REGO, José Lins do, 1995:8).

Isso era uma prática bastante utilizada pelos coronéis que usavam a hora das refeições para reunir todo mundo e sentava-se à mesa com os trabalhadores, em local estratégico, explicitando hierarquicamente sua posição de poder e paternalismo e sem perda de tempo passava suas ordens.

#### 1.4. Da utilização dos mecanismos de poder

O caso da Fazenda Feijão não fugia da regra, o coronel Sizenando Raphael via no tempo e no trabalho os mecanismos imprescindíveis para seu

progresso, ele não suportava ver um trabalhador seu parado, deveria estar produzindo o tempo todo. Para isso o coronel acordava-se às 3:30 da manhã e percorria toda propriedade para poder passar as ordens para o feitor do dia, ele também utilizava de outro mecanismo, tal qual podemos observar no trecho a seguir: “Existia na casa grande uma mesa enorme, nela sentavam-se trinta e duas pessoas. O coronel batia num ferro que tinha pendurado e todos sabiam que era hora de comer”. (Rita Albino Rafael, 2003:67). Com isso ele sentava à mesa junto com os trabalhadores na hora da refeição e aproveitava para passar ordens e possivelmente ouvir algum tipo de reclamação ou coisa do gênero.

Um outro aspecto que merece ser enfatizado era como o coronel estruturava sua fazenda oferecendo serviços essenciais para seus moradores, como uma professora que morava na fazenda, uma casa de farinha, uma mercearia, dois motoristas, dois soldados, água encanada, luz elétrica gerada por um motor que tinha uma pessoa responsável para cuidar e controlar a hora de acender e apagar as luzes (acendia às cinco horas da tarde e apagava-se as dez da noite).

Graças ao empreendimento do coronel Sizenando Raphael a fazenda Feijão foi pioneira na instalação de luz elétrica na região. Para se ter idéia, ele trouxe a energia elétrica para fazenda no ano de 1920 enquanto que na cidade comarca de Monteiro só chegou em 1924. Toda essa estrutura criada era uma forma de manter seus trabalhadores na fazenda e não desperdiçar o tempo com viagens para a cidade. Para isso o coronel criou uma feira semanal que era realizada aos domingos e que atraía feirantes de toda região, tudo funcionava como uma cidade.

Ao passo que se criava a estrutura acima mostrada, a fazenda produzia de tudo, o leite era encanado dos currais para a cozinha onde fabricava-se queijo e coalhada; havia também um engenho onde se produzia muito mel da rapadura e muitos fardos de rapaduras e frutas de toda qualidade, isso tornava a fazenda auto-suficiente e modelo a ser seguido por outros proprietários da região; todos os entrevistados afirmaram que mesmo em tempos de seca existia muita fartura na fazenda.<sup>9</sup> Tamanho era o prestígio do coronel que ele chegou a ser prefeito de Monteiro, muito embora alguns contemporâneos e estudiosos sobre a vida do coronel Sizenando Raphael afirmem que ele não obteve o mesmo êxito na administração da cidade que obteve nas suas propriedades.

Em Monteiro sua administração resumiu-se a pequenas feitorias como a construção de pontilhões e no apaziguamento do clima que nessa época era de tensões na cidade envolvendo o coronel Augusto Santa Cruz, fazendeiro afamado por sua valentia e bacharel em direito, que por questões políticas enfrentou o presidente do estado da Paraíba, Álvaro Machado, elegendo gente sua para a direção do município. O governo estadual respondeu mandando prender um protegido do doutor Santa Cruz, isso foi o estopim para que Santa Cruz invadisse a cidade e gerasse um clima de animosidade entre ele e as autoridades do município que durou por muito tempo:

---

<sup>9</sup> Ver depoimentos no capítulo seguinte.

Santa Cruz invadiu Monteiro  
com duzentos cabras armados  
presos foram libertados  
prefeito caiu prisioneiro  
prendeu Major, coronel  
e juntou ao “Bacharel”  
o título de “cangaceiro”.  
(Sonielson Juvino Silva, 2004).

O governo do estado revidou e ganhou as eleições seguintes, o que obrigou Santa Cruz a fugir para Juazeiro à procura da proteção de Padre Cícero, mesmo assim o clima de animosidade continuou em Monteiro e na sua gestão o Coronel Sizenando Raphael soube acalmar os ânimos dos envolvidos na querela.

Outrossim, o coronel, mesmo sendo prefeito, pouco ia a Monteiro, ficava sempre na fazenda Feijão, enquanto passava as decisões para uma pessoa de sua confiança assumir as decisões da cidade em sua ausência, talvez por essas razões não tinha feito uma boa administração.

No mais o coronel Sizenando Raphael era obcecado pela sua fazenda e não parava de ampliá-la, conseguindo novas terras, construindo mais açudes, botando a cabruêra para trabalhar. Quem o conheceu diz que ele tinha duas grandes aversões, uma era ver um trabalhador seu parado por não ter serviço e a outra era ao número treze; houve uma época que não tinha muito o que fazer na fazenda, ele reuniu seus trabalhadores e mandou roçassem uma área de mata fechada e construíssem um campo de pouso de avião.

Era um homem ligado as experiências da natureza e todos os anos observava o riacho da Pedra Comprida, se esse botasse cheia o ano era bom

de inverno, logo telegrafava para Goiás e comprava centenas de cabeças de gado, quando morreu possuía em torno de seis mil cabeças.

### **1.5. A morte do proprietário**

Contudo seu grande medo era de morrer e que as pessoas que viessem a tomar conta das suas propriedades as deixassem entrar em decadência, o que realmente aconteceu. Seu prestígio ficou evidenciado no dia de sua morte, onde partiu um cortejo do Recife à Fazenda Feijão envolvendo cerca de trinta veículos e na fazenda milhares de conhecidos e parentes aguardavam a chegada do corpo, que está sepultado, até hoje, dentro da capela que ele mandou construir. Cinco anos após sua morte, morreu, também, sua esposa, sepultada no mesmo local do coronel. Daí em diante, a fazenda foi partilhada por herdeiros que se desfizeram do patrimônio deixado pelo coronel; venderam suas partes, destruíram outras e a Fazenda Feijão que tanto havia prosperado entrou em decadência, passou por vários donos e hoje é um assentamento do MST que tem o nome de Assentamento Mandacaru.

Trataremos com mais ênfase sobre a partilha e a decadência da fazenda até a ocupação dos sem-terra no último capítulo. A princípio esse capítulo teve a intenção de fazer um resgate histórico da vida do coronel e suas relações com as pessoas que o cercavam e a própria fazenda, suas formas de controle, poder e de influência, seja ela pelo discurso criado em torno da figura do coronel, seja pela simbologia construída em torno do grande proprietário.



A figura do coronel, principalmente no começo do século XX, foi bastante mistificado pelas pessoas que viveram à época e que de uma certa forma passaram para outras gerações, onde geralmente, é exaltado como um homem de qualidades um tanto quanto fantásticas. Isso pode ser observado em alguns depoimentos de pessoas que conviveram e trabalharam com o coronel, tema do próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2: IMAGENS E CONSTRUÇÕES DA FIGURA DO CORONEL SIZENANDO RAPHAEL

### 2.1. Metodologia da pesquisa

Após ter feito um levantamento dos moradores da época do coronel Raphael, que ainda estão vivos e conversando com moradores mais antigos da cidade de Sumé, consegui localizar alguns deles. Agendei algumas entrevistas, objetivando, naturalmente, conseguir informações que ajudassem na construção do trabalho. No entanto, fui orientado sobre alguns procedimentos necessários na condução de uma entrevista, um deles é que os entrevistados poderiam se sentir inibidos com a presença do gravador e, conseqüentemente, dificultar o desenrolar das entrevistas. De fato constatei uma certa apreensão por parte dos entrevistados em prestarem depoimentos gravados, principalmente porque se tratavam de pessoas idosas, geralmente muito cautelosas, mesmo que eu tenha deixado claro que se tratava de um trabalho acadêmico, ficavam resabiados.

Para lidar melhor com problemas como esse li o texto de Antônio Torres Montenegro "História oral, caminhos e descaminhos" (Revista Brasileira de História, 1993:55-65)<sup>10</sup>, que me auxiliou com informações de como o entrevistador deve se portar em relação ao entrevistado e de como trabalhar a história oral na constituição de um documento. A leitura desse texto foi importante para iniciar as entrevistas. Com mais segurança consegui fundamentos que me proporcionaram a realização de uma pesquisa mais bem

---

<sup>10</sup> O autor é professor de História da UFPE.

articulada. Nestas entrevistas segui um roteiro<sup>11</sup> previamente elaborado para balizar as conversações e não fugir do objeto de estudo, que era compreender as relações do coronel Sizenando Raphael com seus trabalhadores, com a política, com o poder público municipal e com a igreja católica.

Ao todo agendei seis entrevistas tanto com pessoas que ainda moravam na fazenda Feijão como com outras que se encontravam em Sumé e Monteiro. Terminada as entrevistas, registrei cerca de 180 minutos de depoimentos; transcrevi e reproduzi os trechos mais importantes das falas dessas pessoas a respeito da vida do coronel, no entanto, não me restringi às entrevistas, busquei informações em cordéis e nas obras de alguns memorialistas da região e fiz também algumas visitas ao museu histórico de Monteiro e aos cartórios de Sumé e Monteiro, a fim de encontrar informações sobre a vida do coronel Sizenando Raphael que pudessem enriquecer meu trabalho e dá densidade ao mesmo, como diz Roger Chartier, sobre a construção do sentido de um trabalho: “toda reflexão metodológica enraiza-se com feito, numa prática histórica particular, num espaço de trabalho específico” (1991:178).

Nessa perspectiva nosso trabalho enveredou por uma estratégia bem particular, onde fiz um estudo sobre as práticas sociais, políticas, econômicas e culturais da época, fundamentadas em leituras de textos, livros, entrevistas e conversas informais.

Das fontes utilizadas, a que norteará esse segundo capítulo será as entrevistas com ex-moradores do coronel Sizenando Raphael, farei análises e comentários das falas dos moradores voltadas para a construção da imagem do

---

<sup>11</sup> Ver anexo 1.

Coronel Sizenando Raphael, isso foi organizado em tópicos para uma melhor compreensão do leitor.<sup>12</sup>

## **2.2. A imagem do Coronel Sizenando Raphael, segundo seus moradores**

Como era sua relação com o coronel? Como era ele?

- Ele era um homem bom, só era meio ignorante, mais isso é todo coroné, né? Ele dava leite pro morador, dava uma parte do algodão, num tenho que falar dele, a véia muié dele é que era meio covarda, mais ele tinha um coração grande e não era rancoroso, se o camarada precisasse dele num negava, logo tinha muito dinheiro né. Não se importava que o trabalhador tirasse alguma coisa pra comer, era barriga cheia, só num queria que carregasse sem ordem pra comer noutra lugar. (Seu Joaquim Sousa, vaqueiro, trabalhou 8 anos com o coronel)

- Era um homem barateiro, pagava uma miséria pro trabalhador, é porque num é do seu tempo, ele pagava dois mil réis o dia no serviço pesado, era pouco demais e num dava pra nada e se fartasse um dia de serviço ele descontava. Um dia, um véi que trabalhou pra ele muitos anos e certo dia adoeceu pra morrer e chamaro até o padre pra dá a extremunção e então quando tava perto de morrer ele pediu pra chamar o coroné e quando ele chegou o véi disse: "coroné, o senhor tá vendo meu estado e eu num vou escapar dessa e precisava que o senhor me perdoasse aquele dinheiro que eu

---

<sup>12</sup> Tomei o cuidado de criar nomes fictícios para os entrevistados de maneira a preservar suas identidades.

tomei emprestado a minha muié vai vender uns trocim pra lhe adespois pagar”. E o coroné disse; “pois é bom pagar mesmo se num pagar em vida paga no inferno”. Isso é coisa que se faça com o coitado que se lascou à vida todinha trabalhando barato e no pesado, Deus tape as oiça dele, mais isso não é coisa que se faça, a pessoa num ter pena dum coitado” (Seu Vicente Barros trabalhava com carro-de-boi, trabalhou 25 anos com o coronel).

Esses dois depoimentos apresentam duas imagens do coronel, uma de um homem que apesar da rispidez era bondoso e sem rancor e que ajudava a quem precisasse. Na verdade essa fala trata do lado paternalista do coronel, que tratava o trabalhador com uma pessoa da família, que dava trabalho e comida para seus protegidos; também evidencia a autoridade e a ordem que não deve ser desobedecida, quando afirma que “pode comer só não pode carregar”, isso não deixa de ser uma forma de impor limites a seus trabalhadores e, ao mesmo tempo, ter uma relação de caridade.

No segundo depoimento, o entrevistado mostra-se revoltado com a figura do coronel e não demonstrou, em sua fala, qualquer qualidade positiva no coronel, aliás, pelo contrário, mostrou uma faceta mesquinha e desumana do coronel. Nessa fala e no decorrer da entrevista notei uma certa frustração por parte do entrevistado em relação a um episódio que ele mesmo contara, sobre um pedido de um tenente da polícia que queria levá-lo para a capital para trabalhar no destacamento: “o tenente Chaves tava conversando com o coroné, quando cheguei com o carro-de-boi e o tenente me observando disse pro coroné, -“quem é esse cabocão? Dê-me ele pra mim botar na polícia, coroné? E

o coroné disse: “nãoo! Ele me serve muito aqui” ; ah! Nesse tempo era um tipãoo de homem e se tivesse ido, hoje era um sargento ou major aposentado, aí eu era gente, né, eu ainda pensei em fugir mais minha mãe pediu pelo amor de Deus que eu num fizesse isso e como naquele tempo existia obediência eu num fui, passei um bucado de tempo trabalhando de graça pro coroné e adespois num tive direito a nada, mais tá entregue a Deus”.

Talvez por essa frustração ele tenha passado uma imagem negativa do coronel e que de uma certa forma era verdade, pois pelo que constatei o pagamento era realmente muito pouco, contudo os coronéis ofereciam aos moradores proteção, moradia e trabalho e muitas vezes esse caráter assistencialista do coronel era visto como um ato de bondade, mesmo escondendo interesses particulares como explicita a historiadora Eliete de Queiroz Gurjão, “A maior ou menor capacidade de fazer favores e aplicar atos de violência sempre que julgar necessário e ficar impune, determina o grau de prestígio do “coronel” (1999:82). Portanto, na visão dos moradores a figura do coronel era ambígua, por um lado era visto como um homem bondoso, outras vezes o morador o percebia como cruel e rigoroso.

## **2.2. Um homem de prestígio**

Como ele conseguiu tanto prestígio e tanta terra?

- Olhe meu filho, ele começou debaixo dum pé de umbuzeiro naquela historinha que você leu lá dentro da igreja, foi trabalhando, construiu uma casa, foi se apossando das terras, pois naquela época as terras não tinham dono, né,

e o mais esperto cercava e assim foi aumentando e comprando gado e fazendo muita plantação e muito gado, olhe! Tinha tanto gado que agente podia agora lembrar daquela novela que eu assisti “O rei do gado”, pois ele era o rei do gado, quando chegava o final do dia e os vaqueiros trazia o gado da manga<sup>13</sup>, fazia gosto de ver aquelas bacadas<sup>14</sup> de gado passando para os currais (Maria Isabel, nasceu e criou-se na fazenda Feijão, era afilhada do coronel)

- “O homem era forte demais, num tinha quem pudesse com ele, era respeitado. Eu me lembro de uma história, que meu pai contava, que teve uma época que quando começou esse negócio de banco, uns amigo dele, que era fazendeiro forte também, botaro na cabeça dele pra fazer um empréstimo no banco, que era siná de prestígio fazer um emprestimo e uma vez o coroné disse: “eu num vou fazer negócio cum banco nenhum! Porque dinheiro num me farta”, mais depois de tanta peleja acabô atendendo os amigo e um certo dia os homens do banco fôro fazer uma vistoria nas terra do coroné, isso prá saber se o dinheiro tava sendo aplicado né, e quando os cabra chegaro contando o que vinhero fazer lá, o coroné aí deu brabo, foi lá no escritório dele e pegou dois saco de dinheiro e era muito dinheiro, danou no chão nos pés dos cabra e disse: “ leve seu dinheiro que eu num preciso dele não e venham cá” – chamou os cabra pra dentro do escritório e lá mostrou uma estante na parede cheia de compartimento, onde tinha saco e mais saco de dinheiro e aquelas lata de guardar biscoito entabizada de moeda de toda qualidade e os home ficaro

---

<sup>13</sup> Local onde o gado é solto na pastagem natural onde pratica-se a pecuária extensiva.

<sup>14</sup> Na gíria popular dos vaqueiros a reunião do gado na volta do pastoreio.

abestaiado oiando pra tanto dinheiro e dissero: “o senhor tem razão coronê, porque o senhor tem dinheiro de botar um banco” (Seu Afonso Hortêncio, filho de um vaqueiro, nasceu e se criou na fazenda, onde trabalhava ajudando o pai).

Nessas falas podemos notar uma certa idealização ou mitificação em torno do poder econômico do coronel Sizenando Raphael, onde ele conquistava o respeito pela sua condição econômica, o que era uma característica da elite rural da época que formava-se em pequenos núcleos familiares e através de apadrinhamentos e concessões políticas conseguia prestígio e dinheiro. No caso do coronel Raphael, segundo pesquisas, conseguiu apadrinhamento de um tio seu que fora prefeito de Afogados da Ingazeira, coronel Paulino Raphael, por sinal muito rico e quem bancou a compra dos primeiros hectares de terra e as primeiras cabeças de gado, talvez até com o objetivo de transferir a influência política da família para um sucessor em um momento em que as oligarquias estavam muito presentes no interior da Paraíba; nessa época um sobrenome de expressão era um aval necessário para a ampliação ou expansão de um patrimônio.

Como dona Maria Isabel falou, “naquela época a terra era dos mais espertos” e os pequenos proprietários não podiam enfrentar os grandes que manipulavam leis e que usavam da impunidade, uma forma de demonstrar que tudo podiam, inclusive quando eles não utilizavam a cerca como limites de suas terras, era comum utilizar uma símbolo, ou seja, um marco que era posto na divisa das terras adquiridas por via legal ou não para assim afugentar intrusos,



o marco do coronel Sizenando Raphael era uma pilastra de pedra com pouco mais de meio metro e duas pedras encostadas simbolizando a pedra maior a figura do coronel e as outras duas significavam as testemunhas, esse símbolo passava a ser conhecido na região como símbolo de poder.<sup>15</sup> Poder e prestígio obtidos não só pela quantidade de terras, mas também pelo dinheiro, o que ficou demonstrado na fala acima a insistência dos amigos do coronel para que ele fizesse um empréstimo a um banco e que ficou evidenciado que dinheiro realmente não era problema; nessa época houve um enriquecimento enorme das elites rurais.

E a política?

- Ah! Ele era sempre do lado do governo, eu me lembro que Rui Carneiro foi pra lá uma vez e o coronel mandava enfeitar a varanda com rosas e depois eles ficavam conversando dentro do escritório por muito tempo, umas conversas cumprida acho que falando de política. O coronel chegou a ser prefeito de Monteiro e foi ele que trouxe a luz para Sumé, na época Sumé pertencia a Monteiro, olhe pra você ver o prestígio dele ele trouxe a luz de Recife que ele chamava de estrangeiro pra fazenda dele em 1920 na cidade de Monteiro só veio ter luz no ano 1924 (D. Maria Isabel).

---

<sup>15</sup> Ver anexo - 2

- “Aí é que ele era forte, quando era época de eleição, que ia uma urna pra lá pro Feijão, quando dizia assim: vem chegando a urna do Feijão do Coronel Sizenando Raphael, pronto! Todo mundo já sabia que os votos era fechado pra o candidato dele, na região não tinha quem pudesse com ele (Seu Afonso Hortêncio).

Como já mencionei anteriormente a figura do coronel era respaldada pela influência política surgida desde a Proclamação da República lutavam com os opositores políticos que já vinham denunciando as práticas políticas centralizadoras e perseguidoras, com isso o partido situacionista republicano tentava manter a hegemonia que acabou com a “revolução de 30”. Nos dois depoimentos percebemos que as articulações entre coronéis e políticos se intensificaram nessa época para manter o sistema político.

Nesse contexto, como escreveu Victor Nunes Leal: “os próprios instrumentos do poder constituído e que são utilizados, paradoxalmente para rejuvenescer, segundo linhas partidárias, o poder privado residual dos coronéis, que assenta basicamente numa estrutura agrária em fase de decadência” (1986:255).

Embora coronéis e políticos tivessem feito manobras para permanência no poder a partir de 1930 entra em decadência todo um período político de dominação das oligarquias e do coronelismo, embora, como já foi mencionado anteriormente, essas práticas ainda subsistam em alguns municípios.

### 2.3. Um homem de visão empreendedora

Como era a estrutura da fazenda?

- Eu me lembro muito bem, a casa-grande era enorme, a cozinha cabia qualquer casa dessa de dois quartos, sala e cozinha, tinha um primeiro andar que na época chamava de sótão e esse sótão tinha nove dormitórios e era feito todo de cedro. Dentro da casa tinha o quarto do bispo<sup>16</sup>, do lado da casa, entre a casa e a igreja, uma escola e do lado da igreja uma fileira de galpões e armazéns onde o coronel armazenava alimentos e as coisas que trazia de Recife, lá tinha também açougue, bodega e armazéns de silagem, nesse tempo agente chamava de depósito. No pátio ele comprou um cata-vento que obrigava agente a beber daquela água horrível e do outro lado do pátio um conjunto de casebres e lá tinha casa de farinha, engenho, casa do gerador, casa de beneficiamento de algodão, casa do motorista e do policial e uma casa solta que era de um senhor chamado "Raphael", que não era família dele, também morava lá pra tratar-se de problemas de saúde e de lá do alpendre da casa grande o velho ficava sentado numa cadeira espinhando o movimento da fazenda e o indo e vindo dos viajantes, pois por dentro da fazenda passava uma estrutura e dali via tudo" (D. Maria Isabel).

---

<sup>16</sup> Bispo Emérito Dom Joaquim Antônio de Almeida, morava em João Pessoa, mas costumava passar temporadas na Fazenda Feijão a pedido do Coronel Sizenando Raphael e por motivo de saúde.

- O véi era sabido, ele montou a fazenda que nem uma cidade pra que ninguém pudesse ir pra cidade comprar alguma coisa que precisasse, pra ele o camarada perdia tempo com a viagem e além de ficar vagabundando na cidade e então ele botou até uma feira lá que era nos domingos, o pesoá saía da missa e ia comprar as coisas lá e tinha de tudo vinha gente de outros lugar, ele ficava doente se visse um trabaiador dele parado e muitas vez eu vi ele dizer: "trabaiador meu não fica sem serviço, se não tiver o que fazer eu boto pra catar pedra nos tabuleiro e pago o dia (Seu João da Silva, trabalhou seis anos com o coronel fazendo cerca e na construção de barragens).

Segundo esses depoimentos, o velho distribuiu de forma estratégica os prédios e casas da fazenda de modo que tudo passava pelo seu controle e legitimava seu poder e sobre seus moradores, utilizando dos serviços essenciais como saúde, moradia, segurança, trabalho e educação, como também os serviços religiosos, tudo era controlado por ele. Mostrava-se devoto de São Sebastião a ponto de colocar o nome do santo em um filho adotivo, dentro da casa grande viviam muitas pessoas entre empregados e filhos adotivos e dentro de sua arrogância pedia sempre que Deus o livrasse de morrer. Embora não respeitasse o direito dos mais pobres.

Segundo o padre Jorge Rietuela nos conta: "um dia porém, o bispo falou demais: o coronel mostrava ao líder religioso toda a grandeza da Fazenda Feijão, com muito orgulho por tudo quanto havia realizado. No final da conversa, perguntou ao bispo: diga-me sinceramente, Dom Joaquim, o que falta na Fazenda Feijão? Pode faltar alguma coisa? O bispo respondeu: coronel, só

falta a caridade! a conversa terminou aí e, no dia seguinte, D. Joaquim foi mandado embora (2002:106). Era um homem que como o coronel José Paulino da obra “menino de engenho” de José Lins do Rego impunha um respeito tanto pelo seu poder como por sua rispidez: “era gente que vinha pedir ou enredar. Chegavam sempre de chapéu na mão com um “Deus aguarde a Vossa Senhoria” (1995:41).

Sempre quem chegasse na Fazenda Feijão era bem acolhido com dormida e comida, havia ao redor da casa grande cerca de uns cem tornos de rede para abrigar as visitas e se quisesse trabalho era só se agregar.

O conjunto arquitetônico da Fazenda Feijão e a relação com os trabalhadores retratam bem a época coronelista, que devido a fatores políticos e de estruturação administrativa levou à decadência a maioria dessas grandes propriedades, tema do próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 3: O FEIJÃO TRANSFORMOU-SE EM MANDACARU**

### **3.1. Uma trajetória de decadência: da morte do coronel à questão dos herdeiros**

Nesse capítulo utilizaremos os depoimentos orais e um cordel que conta a história de decadência da Fazenda Feijão para analisar uma questão que tem uma certa complexidade e que requer uma análise criteriosa, pois na pesquisa histórica “o documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente” (Ciro F. Cardoso e Ronaldo Vainfas, 1997:508).

Desde a morte do coronel Sizenando Raphael, em 1943, e cinco anos mais tarde de sua mulher, sinhá Dona, a propriedade passou por um processo de divisão, em certos momentos um tanto quanto conturbado e por algumas tentativas de reerguer a fazenda.

Como não encontrei o inventário da partilha das propriedades do coronel busquei fazer um levantamento dos bens do coronel e como foi dividida entre os herdeiros através de depoimentos.

O senhor lembra das propriedades do coronel?

- Me alembro muito bem, era muita terra, além da sede (Feijão) tinha as fazendas que ele ia comprando, deixa eu ver... tinha a Várzea do meio, o Gonçalo, Riachão, Quixaba, Cachoeirinha, Lages, Pinhões, Pau d'arco, Sincho, Roça Velha, Água branca e Lagoa dos Pinhões, acho que num falta nenhuma não e dava mais ou menos uns seis mil hectares de terra e terra boa com muito

pasto e tem mais todas elas tinha uma ou duas barragens que dava vinte e cinco ao todo, eu mesmo trabalhei em algumas eram construídas no braço e no lombo de animal mais era bem feito, o velho era inteligente e dispensava a ajuda de qualquer engenheiro e até hoje nenhuma estourou, ta tudo lá pra contar a história” (Seu Manoel de Preta, vaqueiro, trabalhou 5 anos com o coronel).

E como ficou a questão da herança?

- Olhe meu filho, dá até pena de contar, pois foi um rasga rasga e nenhum botou pra frente, destruíro tudo (Seu Manoel de Preta).

E o senhor lembra como ficou a divisão?

- Eu lembro que depois que o coroné morreu um filho adotivo chamado Antônio Leite Raphael ele criou desde pequeno e era muito querido tanto pelo vêi como pela veia, aconteceu que quando ele morreu, o coroné, Antônio Leite tava morando em Colatina (ES) lá pro sul do país e quando soube da morte do velho veio simhora, passou em Campina Grande e contratou dois advogados pra botar questão, isso chateou muito a véia que era meio avorossada que contratou outros advogados e ganhou a questão, resultado Antônio Leite foi o único filho adotivo que não herdou nem uma pá de terra (Seu Manoel de Preta).

E os outros?

- Dos filhos adotivos tinha Severino Leite que o povo chamava de leitinho, tinha Sebastiãozinho, e Mané Pastora também tinha o caçula que morreu a

pouco tempo que era Nandinho fora os filho quem herdou uma parte foi Andreilino Raphael irmão do coronel. Mais você pode acreditar, parece até mentira acabaro com tudo era de cortar o coração quem conhecia aquela fazenda e ver no estado que ficou acabada e coberta de melão-de-São Caetano (Seu Manoel de Preta).

A partir desses depoimentos, percebi que a propriedade já não tinha tanta importância e não apenas pelo fato da morte do coronel ter levado a fazenda à decadência, mas na verdade porque era um sistema político em crise que aos poucos vinha se tornando obsoleto. Esses fatos devem reunir argumentos que comprovem uma análise com base nesses documentos, questionei a decadência da grande propriedade dentro de um processo histórico e político, mesmo que por ventura as fontes não sejam totalmente confiáveis ou que contenham limites, mas toda fonte deve ser analisada.

Segundo Marc Bloch, para o historiador “não basta constatar o embuste. É preciso também descobrir seus motivos. Mesmo que a princípio, para melhor rastreá-lo. Enquanto existir dúvidas sobre suas origens, ele permanecerá em si mesmo algo de rebelde a análise” (2001:98), por isso a compreensão da decadência da Fazenda Feijão deve ser acompanhada de uma análise conjuntural do contexto em que ocorreu, das mudanças políticas e das novas relações que passaram a vigorar no pós-1930. O caso da Fazenda Feijão é um caso específico, embora tantas outras fazendas tenham entredido em declínio com a morte do seu primeiro proprietário.



O que fica evidenciado em alguns depoimentos é uma espécie de saudosismo e de perda associado ao desaparecimento do seu dono com o sentimento de um tempo que não volta mais. Em diversos depoimentos alguns entrevistados se emocionaram com saudades daquela época, o grande proprietário simbolizava uma característica de uma época feliz para uns, mas infeliz para outros:

Com a morte dele e dela  
Separação dele e dela  
O Feijão ficou sem ele  
A casa ficou sem ela  
A saudade é quem revela  
De ambos recordações  
Da patroa e do patrão  
Que de verão a inverno  
Dormem seu sono eterno  
Na Fazenda do Feijão”.  
(Severino Pinto)

### **3.2. A propriedade privada contestada**

Os herdeiros desfizeram-se de suas heranças e os outros proprietários que compraram a fazenda tentaram reerguê-la a fazenda, mas foi em vão, geralmente utilizavam a fazenda mais como um lugar de descanso e não de produção e criação como era na época dos coronéis.

Ao longo da história brasileira o trabalhador rural e o pequeno proprietário rural tem sido excluídos dos planos governamentais de desenvolvimento social e econômico, sobretudo durante o período da ditadura militar. Nessa época valorizou-se a agricultura de exportação principalmente nas grandes propriedades, que substituíram a mão-de-obra humana pela

mecanização, desempregando milhares de pequenos agricultores; como a propriedade da terra no país é concentrada nos grandes latifúndios, que muitas vezes foram formados com o açambarcamento de terras devolutas. Devido a este quadro de concentração agrária e a luta pela democratização da terra a propriedade da fazenda Feijão passou a ser contestada.

Desde a fundação do movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST) em 1984, esse movimento articulou-se por todo Brasil, “numa evolução histórica da questão agrária no Brasil”, segundo João Pedro Stédile (A questão agrária no Brasil 1997:36). Em março de 1998 o movimento fez a primeira ocupação em Sumé, na Fazenda Feijão. Esse fato chamou a atenção do poder público local, pois pela primeira vez no município a propriedade privada foi questionada. As autoridades públicas fizeram uma retaliação, enviaram a força policial para expulsar os invasores e reintegrar a posse da terra aos herdeiros.

O INCRA tomando conhecimento do acontecido e para evitar uma tragédia ou um conflito armado, procurou arrefecer os ânimos que estavam exaltados. Houve um acordo e a terra foi indenizada pelo INCRA possibilitando o assentamento dos trabalhadores, que batizaram o assentamento com o nome de Mandacaru por simbolizar a resistência, pois o mandacaru é uma vegetação resistente a situações climáticas mais adversas.

Sobre esse a fazenda Feijão após a ocupação do MST, afirma um líder religioso de Sumé:

- Aquilo lá é um ambiente de promiscuidade, desde que os sem terra invadiram virou um verdadeiro cabaré, eu mesmo não tenho coragem de botar os pés lá.

- Eu dou graças a Deus os sem terra ter invadido isso aqui, antes vivia lascado, trabaiano no alugado, hoje trabaio pra mim e tenho meus bichinhos, nunca mais fartei com um trocado no bolso (Seu Manoel de Preta, que mora na fazenda).

Como podemos notar há maneiras diferentes de ver a Fazenda Feijão após a sua transformação em um assentamento, o representante local da igreja católica percebe o local como um antro de perdição e alega que toda “qualidade de pessoas” é empurrada para lá, geralmente os excluídos da sociedade, ex-presidiários, assassinos, estupradores entre outros. Segundo o religioso, o local é impróprio para pessoas de bem, inclusive retirou a imagem de São Sebastião da capela por achar que o povo de lá não é merecedor dela. Por outro lado, o segundo depoimento ver a ocupação como uma solução para o grande número de desempregados na cidade e para quem quer trabalhar e ter uma vida digna, este é o local apropriado como o próprio Manoel de Preta relata: “quando eu tava desempregado na cidade vivia metendo o pau na cachaça, hoje sou um cabra controlado, como diz a história cabeça vazia é oficina do diabo, né mesmo?”

Esses depoimentos levam-nos a uma conclusão, que cada um tem uma maneira própria de enxergar os fatos e em todo os depoimentos percebi uma carga de emoção por parte dos depoentes, por isso que falei da complexidade da pesquisa, pois devemos ter cuidado e analisar essas falas como se estivéssemos montando um quebra-cabeça a fim de não omitir passagens

importantes para o trabalho, buscando tanto quanto possível se desprender das paixões e emoções presentes nos depoimentos.

Indubitavelmente os fatores que levaram a decadência da fazenda Feijão e de tantas outras são percebidas de várias maneiras e evidenciadas nesse trabalho tanto pela falência de um sistema política adotado no começo do século XX como pelas transformações urbanas e industriais ocorridas a partir da segunda metade deste século; ou pela ausência da figura do grande proprietário como pilastra de sustentação da propriedade. Essas argumentações nos conduzem a uma análise reflexiva de todas as questões abordadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho busquei compreender, através da pesquisa, a estrutura política do Brasil no princípio do século XX, dentre elas duas práticas amplamente utilizadas se destacam, sobretudo no interior nordestino, as “oligarquias de parentela” e o “coronelismo”. Essas sofreram um duro golpe com a revolução de 30, o que propiciou um desmantelamento da então política reinante.

Desde a revolução de 30 se passaram mais de setenta anos e ainda pode-se notar, principalmente em pequenas cidades do interior nordestino, que as práticas oligárquicas e coronelistas subsistem. Pequenos grupos familiares revezam-se no poder às custas de mecanismos de assistencialismo e clientelismo e o pequeno eleitorado vive a mercê desses favores sendo muitas vezes perseguidos e praticamente obrigado a votar em seus candidatos, nos fazendo lembrar da prática do voto de “cabresto”, tão corriqueira no início do século XX.

As grandes fazendas e os engenhos saíram de cena, pois entraram em decadência com o fim do coronelismo e a expansão urbano-industrial, muito embora “novos coronéis” e oligarquias ainda estão muito presente no cenário político brasileiro, evidenciando cada vez mais as mazelas sociais de uma sociedade excludente, onde os mais pobres se transformam nas principais vítimas desse sistema.

No presente trabalho objetivei discutir questões pertinentes tomando como referência de análise do caso da Fazenda Feijão em Sumé-PB. A

pesquisa a que me dediquei por um bom tempo me fez compreender a decadência da grande propriedade rural e o surgimento de movimentos populares organizados para reivindicar a posse da terra junto aos órgãos governamentais.

Esse processo de transformação das relações agrárias no Brasil, de propriedade privada e propriedade coletiva, sem fazer qualquer tipo de apologia a nenhum sistema, pode ser explorado de forma proveitosa através de uma pesquisa mais ampla. Esse trabalho foi norteado por questões relacionadas ao tema estudado e a partir do conhecimento adquirido poderei em outra oportunidade trabalhar de forma mais aprofundada o assunto. Evidentemente que nossa contribuição está marcada pelas reflexões que podemos fazer sobre as medidas de moralização da política no sistema democrático desde a Proclamação da República, não como forma de apontar soluções simples, mas de tentar compreender as múltiplas fazes da história política e econômica do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- CARDOSO, Ciro F., VAINFAS, R. (Orgs) "História e análise Semântica" in *Domínios da História; ensaios de teoria e metodologia*; RJ; CAMPUS, 1997.
- CHARTIER, Roger; "O mundo como representação" in *estudos avançados* nº 11, vol 5, Janeiro/Abril de 1991 (USP).
- FALCÃO, Aldo C.; "A cidade de Monteiro: síntese histórica, geográfica e estatística, Monteiro, 1976".
- GUIMARÃES, Flávio Romero; *como fazer? Diretrizes para elaboração de trabalho monográficos*; Campina Grande-PB, EDUEP, 2002.
- GURJÃO, Eliete Queiroz, " A República dos Coronéis" in *estudando a História da Paraíba*, Ed. Cultura Nordestina, Campina Grande-PB, 1999.
- LEAL, Victor Nunes; "Coronelismo, enxada e voto: o município e regime representativo no Brasil, editora Alfa-omega, SP, 1986.
- LEWIN, Linda; "Política e parentela na Paraíba: estudo de caso das oligarquia de base familiar", Ed. Record, RJ, 1993.
- MONTENEGRO, Antônio Torres; " História oral, caminhos e descaminhos" in *memória, história, historiografia, dossiê ensino de história*; Ed. Marco Zero, ANPUH, vol 13,SP, setembro 92/agosto de 93.

- NUNES, Pedro Filho; "Guerreiro togado" in fatos históricos de Alagoa de Monteiro; Ed. Universitária, UFPE, 1997.
- PINTO, Severino; Literatura de cordel, "A Fazenda Feijão" Parte – I, Monteiro-PB.
- \_\_\_\_\_Literatura de Cordel, "A Fazenda Feijão" Parte – II, Monteiro-PB
- PONTES, Antônio Barroso; "O mundo dos coronéis", Ed. O Cruzeiro, RJ, 1970.
- RAFAEL, Rita Albino; " Sumé que eu trago na memória", Ed. Imprima; João Pessoa/PB; 2003.
- REGO, José Lins do; "Menino de engenho", Ed. José Olympio, RJ, 1995.
- RIETUELA, Pe. João Jorge; XAVIER, Sandra Valéria da Silva; SILVA, Elaine Cristina de Sousa; "A herança de Manoel Monteiro (1800-2000); Ed. Imprell, João Pessoa/PB 2002.
- SEVERINO, Antônio Joaquim; Metodologia do trabalho científico; 20ª edição, revista ampliada, SP, Cortez, 1996.
- SILVA, Sonielson Juvino; Literatura de cordel; "... e se fez monteiro", Monteiro; 2004.
- STÉDILE, João Pedro; "A questão agrária no Brasil, SP, Ed. Atual, 1998.
- VELASCO, Domingos; Direito eleitoral – sistema eleitoral – nulidades – crítica, RJ, 1935.



# ANEXOS

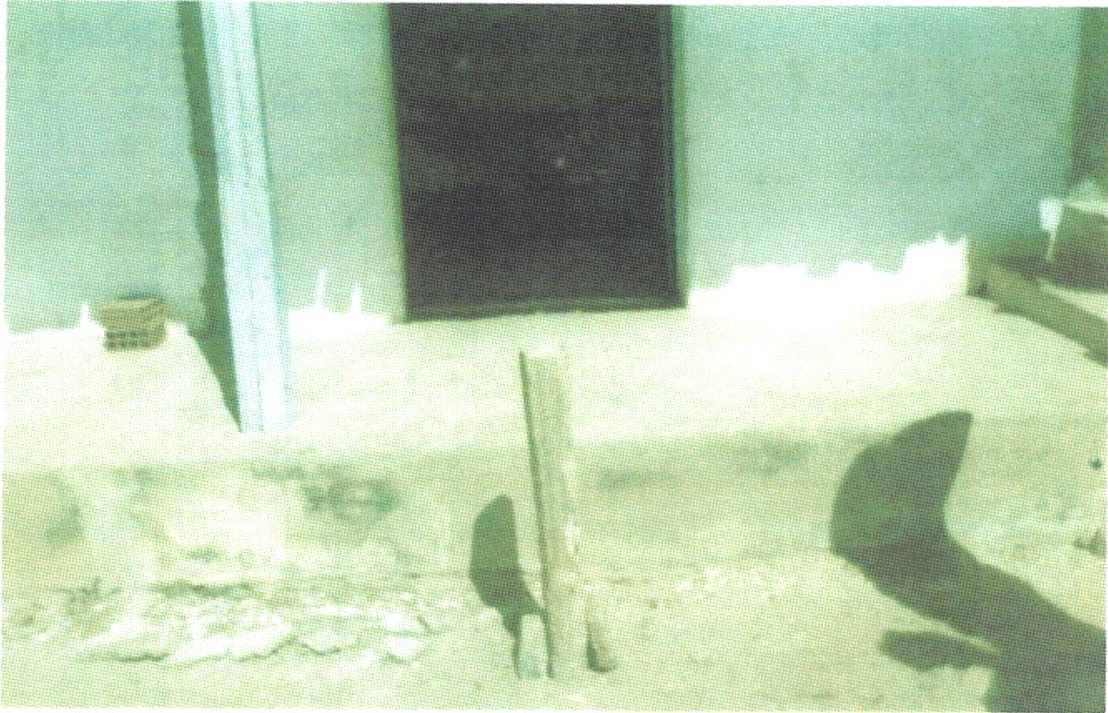
## ANEXO – 1

### Roteiro

- 1) Qual época ou ano você trabalhou com o coronel?
- 2) Como era sua vida na fazenda e terras próximas?
- 3) Como chegou no lugar?
- 4) Quanto tempo conviveu com o coronel? Você sabe de onde ele veio? E como aumentou suas terras?
- 5) Como era sua relação com o coronel e com seus familiares e com as outras pessoas que moravam na fazenda?
- 6) Que tipo de trabalho era realizado na fazenda?
- 7) O que a fazenda produzia ou criava?
- 8) Quantos moradores tinham na fazenda?
- 9) Como era a relação do coronel com outros fazendeiros, políticos, padres e autoridades?

## ANEXO – 2

Marco do Coronel Sizenando Raphael, representando os limites de suas terras. A pilastra maior representava o Coronel e as duas pequenas, as duas testemunhas.



Fonte: fotos durante a pesquisa com auxílio do Senhor Zé de Preta

### ANEXO – 3

À esquerda, Coronel Sizenando Raphael de Deus com seu primo Coronel Manoel Raphael.



Fonte: Arquivo pessoal do Senhor Jorge Menezes Raphael

## ANEXO – 4

Foto comemorativa ao dia de São Sebastião, em 1929, com a presença do Coronel Sizenando Raphael e o Bispo D. Joaquim juntos os moradores da fazenda e os amigos do Coronel.



Fonte: Arquivo pessoal do Senhor Jorge Menezes Raphael.

## ANEXO – 5

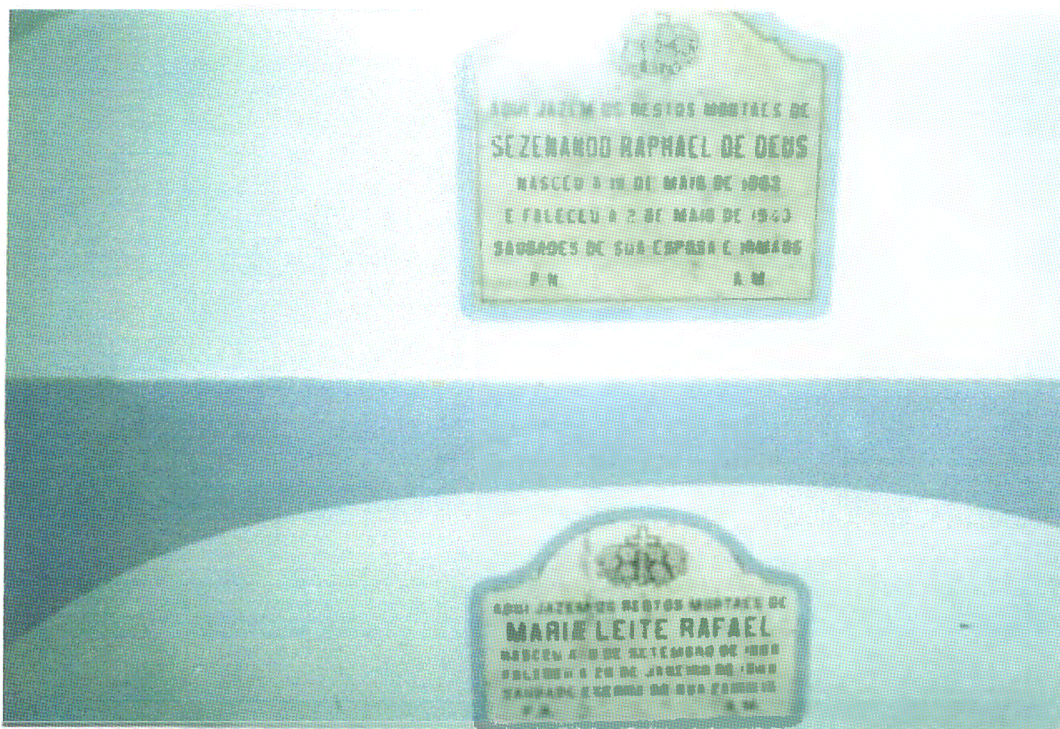
### Capela de São Sebastião



Fonte: Arquivo pessoal de Dona Ritinha Leite Rafael

## ANEXO – 6

Jazigo dentro da Capela São Sebastião, na Fazenda Feijão, com os restos mortais do Coronel Sizenando Raphael de Deus e sua mulher Maria Leite Raphael.



Fonte: foto tirada durante a pesquisa